

Hermann Hesse

NARCISO E GOLDMUND

Tradução
João Bouza da Costa



I

Em frente ao arco românico sustentado por pequenas colunas geminadas da entrada do convento de Mariabronn, mesmo junto ao caminho, encontrava-se um castanheiro, um castanheiro-bravo de tronco imponente, solitário filho do Sul, para ali trazido outrora por um peregrino de Roma; a sua copa frondosa pendia, delicada, sobre a estrada, respirando amplamente ao vento; ia adiantada a primavera e tudo à sua volta verdejava, numa altura em que até mesmo as nogueiras do convento ostentavam já a sua jovem folhagem avermelhada, ainda as folhas lhe não tinham despontado. Mais tarde, no tempo das noites mais curtas, brotavam-lhe dos tufos de folhas os pálidos raios branco-esverdeados das suas estranhas flores numa quase ostensiva advertência, tão forte e acre era o seu aroma, para depois, em outubro, já a fruta colhida e a vinha vindimada, deixar cair da copa amarelecida e fustigada pelos ventos outonais os ouriços dos seus frutos, que nem todos os anos amadureciam. Disputados pela miudagem do convento, eram assados na lareira pelo vice-prior Gregor, que vinha das terras romandas. Delicada e estranha, a bela árvore deixava a sua coroa agitar-se ao vento sobre a entrada do convento, qual hóspede sensível e levemente friorento, oriundo de uma outra latitude, próximo em secreta familiaridade das delgadas colunas

geminadas de arenito do portal e dos ornamentos em pedra dos arcos das janelas, cornijas e pilares, amado por romandos e latinos, e, como exótico forasteiro, encarado com desconfiança pelos nativos.

Por baixo da árvore estrangeira tinham já passado várias gerações de discípulos do convento; com a lousa para escrever entalada debaixo do braço, a conversar, a rir, a brincar ou a discutir, descalços ou calçados, conforme a época do ano, com uma flor na boca, uma noz entre os dentes ou uma bola de neve na mão. Chegavam sempre mais, a cada par de anos eram outros os rostos, na maioria semelhantes entre si: loiros e de cabelo encaracolado. Alguns ficavam por lá, tornavam-se noviços, monges, eram tonsurados, passavam a usar o burel e o esparto, liam livros, instruía os mancebos, envelheciam, morriam. Outros, assim que os anos de escolaridade terminavam, eram levados para casa pelos pais, regressavam aos castelos senhoriais, às casas de comerciantes e artífices, corriam mundo e praticavam as suas artes e ofícios, voltavam talvez uma vez para uma visita ao convento, já homens feitos, traziam aos padres os seus filhos para estudar, erguiam, sorridentes, o olhar para contemplar pensativamente, por um breve momento, o castanheiro, e partiam novamente. Nas celas e nas salas do convento, entre os pesados arcos redondos das janelas e as firmes colunas geminadas de pedra vermelha, vivia-se, ensinava-se, estudava-se, administrava-se, governava-se; eram ali praticadas e legadas de geração para geração inúmeras artes e ciências, devotas e seculares, claras e obscuras. Livros eram escritos e comentados, sistemas concebidos, escritos dos antigos compilados e iluminuras pintadas; ali se cultivava e satirizava a fé popular. Erudição e devoção, ingenuidade e astúcia, a sabedoria dos evangelhos e a sabedoria dos gregos, magia branca e magia negra, tudo isso ali prosperava, para tudo havia espaço; havia

espaço para o recolhimento e para a penitência, assim como para a convivialidade e o bem viver; dependia da pessoa do respetivo abade e da respetiva corrente dominante da época que uma delas se afirmasse e impusesse. Alturas houve em que o convento se tornou famoso e visitado por causa dos seus exorcistas e peritos em demónios, outras devido à excelência da sua música, à santidade de um padre que curava e fazia milagres ou à fama das suas sopas de lúcio e empadas de fígado de veado, cada qual a seu tempo. E sempre se podia encontrar, entre o bando de monges e discípulos, de piedosos e indiferentes, de ascetas e lascivos, sempre se podia encontrar entre os muitos que por lá apareciam, ali viviam e morriam, este ou aquele indivíduo especial, alguém a quem todos amavam ou temiam, alguém que aparentava ser um eleito, sobre quem continuava a falar-se durante muito tempo, já os seus contemporâneos haviam sido esquecidos.

Também agora existiam no convento de Mariabronn dois indivíduos especiais, um velho e um novo. Entre a multidão de irmãos que enchia os dormitórios, igrejas e salas de estudo, dois havia por todos conhecidos e por todos respeitados. Um era o velho abade Daniel, e o outro o jovem noviço Narciso, que só há bem pouco tempo tinha tomado o noviciado, mas que devido aos seus especiais dons e contra todas as tradições era já utilizado como professor, sobretudo no grego. Ambos, o abade e o noviço, eram reconhecidos e aceites naquela casa, ambos eram observados e admirados, invejados e, por vezes, também secretamente caluniados.

Amado pela maioria, o abade não tinha inimigos, por ser só bondade, simplicidade e humildade. Apenas os professores do convento misturavam no seu amor uma ponta de menosprezo, pois o abade podia ser um santo, mas um erudito não era certamente. Possuía toda a simplicidade característica da

sabedoria, mas o seu latim era modesto e ele desconhecia o grego por completo.

Sobretudo aqueles poucos que por vezes zombavam da singularidade do abade sentiam-se fascinados por Narciso, a criança-prodígio, o belo adolescente com o seu grego elegante, as suas impecáveis maneiras cavalheirescas, o olhar sereno e penetrante de pensador e os lábios estreitos, belos e finamente delineados. Os mestres admiravam-lhe a perfeição do grego e quase todos amavam os seus modos nobres e delicados. Muitos se enamoraram dele, alguns levavam-lhe a mal o facto de ser tão silencioso e controlado e ter tão corteses maneiras.

Abade e noviço, cada um suportava a seu modo o destino dos eleitos, impondo-se a seu modo, sofrendo a seu modo. Sentiam-se mais próximos e mais atraídos um pelo outro do que pelos restantes residentes no convento; contudo, eram incapazes de se encontrar e de se tornar verdadeiramente íntimos. O abade tratava o jovem com a máxima atenção, com um cuidado imenso, preocupava-se com ele como com um irmão precioso, raro, talvez precocemente amadurecido, eventualmente ameaçado. O jovem aceitava cada ordem, cada conselho, cada louvor do abade com uma atitude impecável, sem nunca objetar, sem nunca se revoltar, e se o juízo do abade era correto e o seu único defeito consistia na soberba, então sabia ocultá-la maravilhosamente. Nada havia a apontar-lhe, ele era perfeito e a todos superior. Contudo, poucos se tornavam realmente seus amigos, excetuando os professores, pois a sua distinção isolava-o numa atmosfera de frieza crescente.

– Narciso – disse o abade certa vez, depois de o ter ouvido em confissão –, sinto-me culpado por ser tão severo para contigo. Muitas vezes me pareceste arrogante, e talvez tenha sido injusto. Estás muito só, jovem irmão, és um solitário, tens quem

te admire, mas não tens amigos. Bem queria eu, por vezes, encontrar ensejo de te repreender, e não encontro. Gostaria que fosses de vez em quando atrevido e mal-educado, como facilmente sucede com os jovens da tua idade, mas tal nunca acontece. Por vezes fico um pouco preocupado contigo, Narciso.

O jovem fitou o ancião com os seus olhos escuros.

– Bem gostaria eu, reverendo padre, de não vos dar motivo para preocupações. Posso muito bem ser, de facto, arrogante, reverendo padre. Peço-vos que me castigueis por isso. Eu próprio sinto, por vezes, necessidade de me castigar. Enviai-me para um eremitério, reverendo, ou obrigai-me a fazer serviços mais duros.

– És demasiado jovem para isso, caro irmão – disse o abade. – Além de que, meu filho, é grande a tua aptidão para as línguas e para o pensamento. Seria um desperdício dos dons que Deus te deu obrigar-te a fazer esses serviços duros. Provavelmente, irás ser um mestre e um erudito. Não é esse, também, o teu desejo?

– Perdoai-me, reverendo, pois não conheço assim tão bem os meus desejos. Sempre hei de gostar das ciências, isso parece-me inquestionável. Mas não creio que elas venham a ser o meu único domínio. Nem sempre serão os desejos que determinam o destino e a missão de uma pessoa, mas algo diferente, já predestinado.

O abade escutou-o, muito sério, mas foi com um sorriso que lhe disse:

– Pelo que conheço das pessoas, todos nós tendemos um pouco, sobretudo na juventude, a confundir a Providência com os nossos próprios desejos. Mas fala-me lá então da tua vocação, já que pensas conhecê-la. Para que julgas estar destinado?

Narciso semicerrou os olhos escuros, que desapareceram sob as longas pestanas negras. Manteve-se calado.

– Fala, meu filho – incitou-o o abade, depois de um prolongado silêncio. Em voz baixa e com os olhos postos no chão, Narciso começou então a falar.

– Creio saber, reverendo padre, que estou destinado sobretudo à vida monacal. Penso que irei ser monge e sacerdote, talvez vice-prior ou abade. Não o creio porque o deseje. Não é a cargos que aspiro; julgo apenas que eles me serão impostos.

Ambos se mantiveram calados por muito tempo.

– Porque tens essa crença? – quis saber o ancião, hesitante.
– Que outra faculdade haverá em ti, para além da erudição, que se manifesta nessa convicção?

– É a faculdade – tentou explicar Narciso lentamente – de intuir o modo de ser e a vocação das pessoas, não só as minhas próprias, mas também as dos outros. Essa faculdade obriga-me a servir os demais, dominando-os. Se não tivesse nascido para a vida monacal, teria sido certamente juiz ou estadista.

– Pode ser que sim – concordou o abade com um aceno de cabeça. – Já comprovaste a tua capacidade de reconhecer as pessoas e os seus destinos em exemplos concretos?

– Sim, já comprovei.

– Estás disposto a dar-me um exemplo?

– Estou disposto.

– Muito bem. Uma vez que não quero penetrar nos segredos dos nossos irmãos sem o seu consentimento, talvez me possas dizer o que pensas sobre mim, o teu abade Daniel.

Narciso ergueu as pálpebras e olhou o abade diretamente nos olhos.

– É essa a vossa ordem, reverendo padre?

– E essa a minha ordem.

– Custa-me falar, padre.

– Também a mim me custa convencer-te a falar, e não deixo de o fazer. Fala então!

Narciso baixou a cabeça e disse num sussurro.

– É pouco o que sei de vós, reverendo padre. Sei que sois um servo de Deus, que preferiria guardar cabras ou tocar o sininho de um eremitério e ouvir as confissões dos camponeses do que governar um grande convento. Sei que nutris uma especial devoção pela Santa Mãe de Deus e que é a Ela que mais rezais. Nas vossas preces rogais-Lhe, por vezes, que o grego e as outras ciências neste convento cultivadas não representem perturbações e perigos para as almas dos que vos estão confiados. Por vezes rezais para que não vos falte a paciência para com o vice-prior Gregor. Rezaís também por um fim suave. E creio que sereis atendido e tereis uma morte suave.

Fez-se silêncio na pequena cela do abade. Finalmente, o ancião falou:

– És um entusiasta e tens visões – disse o ancião num tom afável. – Mas as visões, mesmo que devotas e luminosas, podem induzir em erro; não confies demasiado nelas, tal como eu não confio. – Consegues ver, irmão visionário, o que no meu íntimo penso a este respeito?

– Consigo ver, padre, que são bem amáveis os vossos pensamentos. Pensais o seguinte: «Este jovem discípulo encontra-se um pouco ameaçado, tem visões, talvez tenha meditado em demasia. Podia impor-lhe uma penitência, que mal não lhe fará. Mas a penitência que lhe imponho assumi-la-ei também eu.» É isto o que neste momento estais pensando.

O abade ergueu-se e com um sorriso fez-lhe sinal que se podia retirar.

– Está bem – disse. – Não leves demasiado a sério as tuas visões, jovem irmão; Deus exige bem mais de nós do que ter apenas visões. Aceitemos que lisonjeaste um velho prometendo-lhe uma morte suave. Aceitemos que, por um momento, esse velho ouviu com agrado uma tal promessa. Mas agora basta.

Rezarás um rosário amanhã, logo após a missa matinal; reza-o com humildade e fervor, sem te distraíres, e eu farei o mesmo. Vai agora, Narciso, já falámos o suficiente.

Uma outra vez, o abade Daniel teve de intervir num diferecendo entre o mais jovem dos padres docentes e Narciso, por estes não lograrem chegar a acordo sobre um ponto do programa de estudos: Narciso insistia com grande empenho na introdução de determinadas alterações nas aulas, conseguindo justificá-las com argumentos convincentes; movido por uma espécie de despeito, o padre Lorenz, porém, não queria aceitá-las, e a cada nova reunião seguiam-se dias de agastado silêncio e amuo, até que Narciso, ciente de que tinha razão, voltava ao assunto. Por fim, o padre Lorenz disse, já algo ofendido:

– Bem, Narciso, vamos pôr cobro à disputa. Tu bem sabes que a decisão me caberia a mim, e não a ti, pois não és meu colega, mas apenas meu assistente, e terias de te submeter. Contudo, uma vez que o assunto parece ser tão importante para ti, e uma vez que te sou superior no cargo, mas não no saber nem no talento, não quero ser eu próprio a decidir; prefiro que expúnhamos a situação ao nosso padre abade e o deixemos tomar a decisão.

Assim fizeram, e o abade Daniel escutou, paciente e amável, os argumentos dos dois professores acerca do ensino da gramática. Depois de ambos terem exposto e fundamentado minuciosamente as suas convicções, o ancião olhou-os alegremente, abanou um pouco a cabeça encanecida, e disse:

– Queridos irmãos, decerto que nenhum de vós acredita que eu saiba realmente tanto sobre essas matérias como vocês. É louvável que Narciso leve a escola tão a sério e que se esforce por melhorar o plano de estudos. Mas se o seu superior é de outra opinião, o que ele tem de fazer é calar-se e obedecer; todos os melhoramentos no plano de ensino de nada valeriam se, por

causa deles, a ordem e a obediência fossem postas em causa nesta casa. Censuro Narciso por não ter sabido transigir. E faço votos por que a ambos, jovens eruditos, nunca vos faltem superiores mais burros do que vós; nada é melhor contra a soberba.

Despediu-os com aquele gracejo benevolente; mas de modo nenhum se esqueceu, durante os dias que se seguiram, de observar se entre os dois se restabelecera a concórdia.

Sucedeu então que um novo rosto surgiu naquele convento, que já tantos rostos tinha visto surgir e partir, e que esse novo rosto não pertencesse ao rol dos que por ali passavam despercebidos e prontamente eram esquecidos. Tratava-se de um rapazinho que há já algum tempo tinha sido inscrito pelo pai e que com ele chegou num dia primaveril, para vir estudar na escola do convento. Ambos, pai e filho, prenderam os cavalos junto ao castanheiro, e o porteiro acercou-se dele, vindo do portal.

A criança ficou a olhar a árvore, ainda despida pelo inverno.

– Que árvore – disse –, como nunca vi. Que estranha e bela! Gostaria de saber como se chama.

O pai, um senhor já de alguma idade, com um semblante preocupado e algo crispado, não ligou às palavras do filho. Mas o porteiro, que logo simpatizou com o rapazinho, deu-lhe a informação. O jovem agradeceu amavelmente, estendeu-lhe a mão e disse:

– Chamo-me Goldmund e venho estudar aqui.

O homem sorriu cordialmente e conduziu os recém-chegados através do portal, convidando-os a subir a larga escadaria de pedra. Goldmund entrou sem hesitações no convento, com a sensação de já ter encontrado naquele local dois seres dos quais se podia tornar amigo: a árvore e o porteiro.

Os recém-chegados foram primeiramente recebidos pelo padre reitor da escola e, ao fim da tarde, também pelo próprio

abade. A ambos o pai, um funcionário do império, apresentou o seu filho Goldmund, e foi convidado a aceitar a hospitalidade da casa durante algum tempo. No entanto, apenas usou do direito de hóspede por uma noite, explicando que tinha de regressar no dia seguinte. Como presente ofereceu ao convento um dos seus dois cavalos, e a oferta foi aceite. A conversa com os religiosos decorreu num tom cerimonioso e frio; mas tanto o abade como o padre observaram com agrado Goldmund, que se manteve num silêncio respeitoso. Simpatizaram imediatamente com aquela criança bela e delicada. Sem pesar, deixaram partir o pai na manhã seguinte; o filho, esse, receberam-no com satisfação. Goldmund foi apresentado aos professores e deram-lhe uma cama no dormitório dos alunos. Foi com respeito e um semblante preocupado que se despediu do pai. Depois ficou a vê-lo montar e afastar-se até ele desaparecer sob o arco do estreito portal da cerca exterior do convento, para lá do celeiro e do moinho. Quando se voltou, uma lágrima soltava-se das pestanas longas e loiras; mas já o porteiro o tentava animar com uma afetuosa pancadinha no ombro.

– Então, jovem – disse-lhe para o consolar –, não tens de ficar triste. Quase todos sentem, ao princípio, algumas saudades do pai, da mãe e dos irmãos. Mas em breve irás perceber que aqui também se vive, e nada mal, por sinal.

– Obrigado, irmão porteiro – disse o rapaz. – Não tenho irmãos nem mãe. Apenas tenho o meu pai.

– Em compensação vais ver que encontras aqui companheiros e sabedoria e música e novos jogos que ainda não conheces, e mais isto e aquilo, logo verás. E se precisares de alguém em quem confiar, vem ter comigo.

Goldmund sorriu-lhe.

– Oh, agradeço-vos muito. E se me quereis dar uma alegria, mostrai-me, por favor, logo que vos seja possível, onde está o

cavalinho que o meu pai cá deixou. Gustava de o saudar e ver se também ele está bem.

O porteiro levou-o logo consigo e conduziu-o à cavalaria, que se encontrava perto do celeiro. Ali, na penumbra tépida a cheirar a cavalos, a estrume e a cevada, encontrou numa das baias o cavalo castanho que o tinha trazido até ali. Goldmund abraçou então o animal, que o reconhecera e lhe estendera o pescoço, encostou a face à sua testa larga com uma mancha branca, acariciou-o carinhosamente e segredou-lhe ao ouvido:

– Olá, *Bless*, meu bichano, meu valente, estás bem? Ainda gostas de mim? Deram-te de comer? Ainda te lembras da nossa casa? *Bless*, meu querido cavalinho, que bom que tenhas aqui ficado. Quero cá vir muitas vezes, para ver se estás bem.

Tirou então do forro da manga um pedaço de pão que tinha guardado do pequeno-almoço, e deu-lho a comer aos bocadinhos. Depois despediu-se e atravessou, atrás do porteiro, a cerca, larga como a praça de uma grande cidade e em parte plantada de tílias. Ao chegar à entrada interior, agradeceu ao porteiro, estendeu-lhe a mão, mas logo se apercebeu de que já não sabia o caminho para a sala de aulas que lhe fora indicado na véspera; esboçou um sorriso, enrubescou e pediu ao porteiro que o guiasse, o que este fez de bom grado. Finalmente, entrou na sala de aulas, onde uma dúzia de rapazes de várias idades estava sentada em bancos. Narciso, o assistente do mestre, voltou-se.

– Sou Goldmund – disse ele –, o novo aluno.

Narciso saudou-o brevemente, sem sorrir, indicou-lhe um lugar no banco traseiro e prosseguiu com a lição.

Goldmund sentou-se. Ficou admirado por encontrar um professor tão jovem, poucos anos mais velho, no fundo, do que ele próprio, e sentiu-se profundamente satisfeito por achar aquele jovem professor tão belo, tão distinto e tão sério e, ao mesmo tempo, tão cativante e digno de afeição. O porteiro

tinha sido simpático para com ele, o abade recebera-o com toda a amabilidade, no estábulo estava o *Bless*, um pedaço da terra natal, e agora, mesmo ali à sua frente, encontrava-se aquele professor surpreendentemente jovem, grave como um erudito e fino como um príncipe, com aquela voz tão bem modulada, clara, objetiva e cativante! Escutava, grato, sem no entanto entender logo do que se estava tratando. Começou a sentir-se bem. Tinha vindo para junto de gente boa e amável e estava, também ele, disposto a afeiçoar-se e a esforçar-se por obter a sua amizade. De manhã, na cama, depois de acordar, sentira-se angustiado, e ainda agora estava cansado da longa viagem. Ao despedir-se do pai não conseguira evitar algumas lágrimas, mas agora tudo estava bem, sentia-se satisfeito. Continuava a observar o jovem mestre sem se cansar, encantado com a sua figura seca e esbelta, o brilho frio do seu olhar, os lábios de contornos nítidos que com tanta clareza formulavam, e com aquela sua voz vibrante e infatigável.

Quando, porém, a aula acabou e os alunos se levantaram com alarido, Goldmund acordou sobressaltado e apercebeu-se, envergonhado, de que há já algum tempo adormecera. E não foi só ele que deu por isso, pois também os seus companheiros de banco o tinham notado e transmitiram aos outros a informação em voz baixa. Assim que o jovem mestre saiu da sala rodearam-no, empurrando-o e beliscando-o.

– Já dormiste tudo? – quis saber um deles com um sorriso trocista.

– Lindo aluno! – zombava outro. – Este vai fazer-se uma bela luminária da igreja. Bate uma sorna logo na primeira hora!

– Levem o menino para a cama – propôs um outro, e agar-raram-no pelos braços e pelas pernas, para o levarem no meio de grande risada.

Acordado daquela maneira, Goldmund enfureceu-se; desatou a esbracejar e a pontapear à sua volta, tentando libertar-se, apanhou pancada e acabaram por deixá-lo cair, com um deles a agarrar-lhe ainda um dos pés. Desse conseguiu livrar-se com toda a fúria, para se atirar logo ao que estava mais próximo e envolver-se com ele numa luta feroz. O adversário era um rapaz espigadote, e todos ficaram a assistir com entusiasmo ao combate corpo a corpo. A partir do momento em que Goldmund não se submeteu, conseguindo mesmo aplicar alguns murros certos, passou a ter amigos entre os colegas, antes mesmo de lhes conhecer os nomes. De repente, porém, todos debandaram precipitadamente e, mal eles tinham desaparecido, surgiu o padre Martin, o superintendente da escola, que parou em frente ao rapazito que os outros tinham deixado ficar para trás. Surpreendido, olhou para o jovem, cujos olhos azuis mostravam algum embaraço num rosto afogueado e com marcas de contusões.

– Então, o que vem a ser isto? – quis saber o padre. – Tu és o Goldmund, não és? Fizeram-te mal, aqueles malandros?

– Não, não – disse o rapaz. – Eu cheguei para ele.

– Para quem?

– Não sei. Ainda não conheço ninguém. Um deles lutou comigo.

– Ah, sim? Foi ele que começou?

– Não sei. Não, creio que quem começou fui eu. Eles começaram a gozar comigo, e eu enfureci-me.

– Olha que estás a começar bem, meu rapaz. Ouve lá o que te digo: da próxima vez que desatares à pancada aqui, na sala de aulas, vai haver castigo. E agora põe-te a andar, para ver se chegas ainda a tempo do almoço!

O padre sorriu ao vê-lo afastar-se visivelmente envergonhado, tentando pentear com os dedos a cabeleira loira desgrenhada.

Goldmund também achava que a sua primeira ação no convento tinha sido malcomportada e estúpida; bastante embaraçado, procurou e encontrou os companheiros no refeitório. Mas os outros receberam-no com respeito e simpatia. Reconciliou-se cavalheirescamente com o seu adversário e, a partir daquele momento, passou a sentir-se bem aceite naquele círculo.